

O CURRÍCULO CULTURAL NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: UM OLHAR NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Everton Santos Dias¹

PALAVRAS-CHAVE Diferença; prática pedagógica; professor nômade.

O livro *A diferença na educação física escolar: a artistagem do currículo cultural*, escrito pelo Professor Doutor Hugo Cesar Bueno Nunes, aflora a reflexão da identidade e da diferença nas práticas pedagógicas no ensino de educação física escolar. O livro foi publicado em 2023 pela Appris editora e apresenta introdução e 6 capítulos, totalizando 160 páginas, das quais 141 a 152 correspondem às referências (147 referências bibliográficas). O intervalo das páginas 153 a 160 corresponde aos anexos, em que Nunes (2023) apresenta os 15 relatos de experiência na íntegra de professores de diferentes escolas do estado de São Paulo.

No capítulo 1, “Tateando territórios”, o autor introduz a relação entre a teoria pós crítica e o currículo. Neste primeiro momento, há uma apresen-

tação da origem e da evolução do pensamento pós crítico no Brasil e sua relação com a educação. Vários artigos, teses e dissertações são reportados sobre o tema nos últimos vinte anos, que transitam pelo cotidiano escolar abordando questões do sujeito, diferenças étnico-raciais, gênero, sexualidade e corpo. Seguindo a linha do tempo, Nunes (2023) destaca trabalhos que demonstram a dificuldade dos profissionais da educação e, consequentemente da escola, de identificar e trabalhar as diferenças culturais no cotidiano escolar. Parte disso pode estar relacionado ao equívoco de alguns profissionais da educação de associar o conceito da diferença com “preconceito”, “discriminação” e, em alguns casos, “desigualdade”.

Neste capítulo introdutório, **há uma descrição cronológica de diversos trabalhos que promoveram esse**

¹ Faculdade SESI de Educação, departamento de licenciatura de Ciências da Natureza, Rua Carlos Weber, 834, Vila Leopodina, São Paulo-SP. CEP. 05303-902. E-mail: everton.dias@sesisp.org.br

tensionamento entre educação e diversidade, ou seja, a aplicação de um currículo cultural com a atuação docente e práticas pedagógicas nas escolas públicas e privadas. Apesar da demonstração de diversos trabalhos e da movimentação de diversos pesquisadores/professores, considera-se que as escolas modernas ainda não têm conseguido acompanhar essas mudanças que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea.

No capítulo 2, “Deslizando entre a diferença e identidade”, ao abordar a diferença, o autor faz referência à diferença cultural e, conseqüentemente, às questões identitárias, bem como à influência de ambos no cotidiano escolar e na condução dos trabalhos pedagógicos do profissional de educação física. Diante deste contexto, Nunes (2023) caracteriza o pós-estruturalismo, desde sua origem na França em 1960 e sua relação com o estruturalismo. Para tanto, há uma descrição detalhada das semelhanças e diferenças, pontos negativos e positivos entre as duas escolas. Por outro lado, é ressaltada a aproximação do escritor com o pós-estruturalismo, apresentando-o com um caráter interdisciplinar, para além das ideias do estruturalismo, embasadas nas ideias do Michael Peters (2020).

Nesse deslizar entre as ideias, Nunes (2023) levanta questionamento sobre como o pós-estruturalismo dialoga ou diverge com a identidade e a diferença cultural da comunidade escolar?

Para responder à essa questão, o escritor apresenta as definições de identidade e diferença se aproximando daquilo que é natural e autônomo do ser, ou seja, numa perspectiva autorreferenciada: “eu sou” e “eu não sou”. Por outro lado, apresenta o viés pós-estruturalista, que conceitua a identidade como algo flexível, mutável, transitório e não singular, entrelaçando a identidade ao processo evolutivo pessoal, histórico e social do sujeito, corroborando com a ideia da presença de múltiplas identidades coexistindo e se transformando ao longo do tempo. Outrossim, destaco a relações de poder constituídas por questões econômicas, políticas e culturais, podem gerar normalizações da identidade, as tornando algo fixo, que deprecia a diferença, ou seja, promove a ideia de uma identidade válida e correta (a minha) e uma identidade não válida e incorreta (a do outro).

No âmbito dessa discussão, emerge a necessidade de se refletir sobre as práticas que se aproximam do particularismo, especialmente no contexto escolar e nas práticas pedagógicas. Sendo assim, o cotidiano escolar deve se projetar como um território que estimula a solidariedade, em vez da tolerância.

O capítulo 3, “Diferença, Currículo e Cultura”, inicia-se com a diferenciação entre a teoria do currículo tradicional, do currículo crítico e do pós-crítico. Enquanto os dois primeiros

estão preocupados com o que ensinar, como ensinar e a organização do ensino, ou seja, com o efeito do currículo na vida dos estudantes e como desenvolvê-los, a teoria pós-crítica de currículo vai considerar matrizes epistemológicas como teoria *queer*, estudos culturais, multiculturalismo, estudos pós-coloniais e pós-estruturalistas. Diante deste contexto, há um tensionamento entre as relações de poder, a subjetividade e a construção social, fugindo de uma aproximação com a cultura elitizada e de centralização do poder.

Partindo do pressuposto de que as escolas e o currículo são produtos da cultura, ou seja, da fluida construção social e de toda complexidade atrelados a esses conhecimentos, entende-se que a defesa de qualquer representação discriminatória acerca de pessoas, grupos ou suas práticas sociais deve ter a sua reprodução combatida, com a finalidade de evitar que as diferenças se materializem em desigualdades. Nesse sentido, a escola e as práticas pedagógicas devem se pautar na diferença como foco no trabalho pedagógico, proliferando a solidariedade, combatendo o daltonismo cultural, multiplicando significados, reconhecendo e valorizando o multiculturalismo como parte de um currículo pautado na diferença, na fluidez e no dinamismo.

Diante desse contexto, há discussões sobre o multiculturalismo que têm sua origem nos movimen-

tos sociais em seu caráter discursivo influenciado pela luta contra as relações de poder, e a perspectiva intercultural que visa promover uma relação entre os diferentes grupos culturais coexistindo na sociedade.

Nesse contexto, o escritor chama a atenção para os currículos que incorporem referências pertencentes a universos culturais distintos, que dialogam com a perspectiva intercultural e que compreende que intermulticultural como diferentes culturas que coexistem socialmente mantendo suas especificidades. No entanto, é problematiza que uma política curricular mais plural não significa uma política da diferença mais atuante, ou seja, diversidade não é sinônimo de diferença. Tomando os devidos cuidados, trabalhar o cruzamento de culturas é uma demanda da escola contemporânea.

No capítulo 4, “Diferença no Currículo Cultural De Educação Física”, Nunes (2023) conecta a Educação Física ao currículo à cultura e à linguagem, no âmbito das teorias pós-críticas, isto é, a favor da diferença.

O escritor defende um trabalho pedagógico na Educação Física que sustente práticas corporais como produtos culturais: sem julgamento de valor ou gesto do certo e errado relacionado a classe, etnia, raça, religião, entre outros marcadores sociais.

Há uma ampla defesa na formação do sujeito solidário, aquele que res-

peita e valoriza a diferença, a representatividade e ressignificando as apropriações. Além da aproximação com a comunidade e com o cotidiano dos estudantes, há uma valorização do repertório cultural do estudante e uma desconstrução de padrões estéticos culturais e corporais. A defesa dessa proposta pode atravessar todos os componentes curriculares, constituindo-se o traço central da proposta pedagógica escolar.

O termo justiça curricular e descolonização do currículo surge potencializando uma proposta contra hegemônica com a finalidade de desconstruir padrões e desestabilizar o privilégio de práticas elitizadas. Adicionalmente, esta abordagem valoriza a luta das classes sociais, promovendo a valorização identitária e lutando contra a opressão. Isso é fundamental, especialmente nas escolas públicas e periféricas, onde a maioria dos estudantes não se identifica com o que historicamente vem sendo trabalhado nesses espaços.

Para alcançar os procedimentos didáticos específicos, Nunes (2023) explicita a necessidade de fazer o mapeamento cultural e dos saberes dos estudantes antes e durante o percurso, visando uma integração interdisciplinar. Afinal, estamos num país com dimensões continentais e multiculturais, por isso essa prática é necessária para o desenvolvimento de um currículo cultural que atenda as especificidades de cada território.

Pensar um currículo a partir dos princípios curriculares sugeridos, abre a possibilidade para diferentes grupos sociais, que historicamente não tiveram espaço no ambiente escolar e acadêmico, expressar suas vivências, saberes e culturas. Essa concepção de currículo promove uma ressignificação através da problematização, possibilita, assim, a participação efetiva dos estudantes e da comunidade escolar, uma leitura das diversas formas de estar no mundo e, principalmente, proporciona um novo olhar sobre as práticas corporais, etnográficas e culturais.

O processo avaliativo dessa proposta pedagógica está ancorado no registro reflexivo. Diante desta perspectiva, o professor não deve se deter meramente a descrição dos fatos, dos eventos e das experiências, mas que contempla o envolvimento dos estudantes a partir das problematizações e ao longo do processo de maneira democrática.

No capítulo 5, “Artistando com o Currículo Cultural de Educação Física”, o autor apresenta oito premissas como orientações da prática pedagógica propostas por Marlucy Alves Paraiso (2014), sendo a primeira demonstra mudanças significativas na educação na atualidade; a segunda educamos e pesquisamos em um tempo diferente; o terceiro as teorias, os conceitos e as categorias que podem explicar as mudanças na vida, na educação e nas relações; quarta é que não existe verdade, mas regimes

de verdades; a quinta é a de que o discurso tem uma função produtiva naquilo que diz; a sexta é que o sujeito é um efeito das linguagens e dos modos de subjetivação; que a escola e seu currículo estão embebidos pelas relações de poder de diferentes tipos; e, por fim, é a de que a diferença é o que vem primeiro e é ela que devemos fazer proliferar em nossas aulas.

Adicionalmente, são apresentados os relatos de experiência produzidos por docentes. Afinal, o relato de experiência, além de compartilhar o conhecimento e as práticas pedagógicas com outros professores e profissionais da educação, oportuna aos docentes confrontarem a discussão descrita com o referencial teórico. Neste capítulo, Nunes (2023) destaca fragmentos de alguns dos 15 relatos de experiência de diferentes escolas do estado de São Paulo, disponibilizados na íntegra nos anexos. Os relatos 1, 4, 5, 7, 11, 12, e 13 correspondem às Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF). Os relatos 2, 3, 6, 10, 14 e 15, estão relacionadas as Escolas Estaduais (E. E.), enquanto os relatos 8 e 9 são provenientes do Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA). Ao longo do capítulo 5 há uma análise crítica contundente e reflexiva sobre cada um deles, embasada na literatura. Por fim, fica evidenciado a problematização presente em cada um desses relatos e como eles conversam com o projeto pedagógico da escola, o currículo cultural, o jogo da identidade e

diferença e diversos pontos apresentados nos capítulos anteriores.

No capítulo 6, “Composições transitórias”, somos convidados a refletir sobre como o currículo é uma invenção e que as práticas pedagógicas e o cotidiano na escola estão intrinsecamente ligados ao jogo da identidade e diferença. Sendo assim, o compartilhamento dos relatos de experiência e todo referencial teórico abarcado nos capítulos anteriores demonstram que a prática pedagógica atrelada ao currículo cultural promove a valorização de diferentes práticas corporais e culturais de grupos que foram marginalizados, combatendo preconceitos e práticas discriminatórias, promovendo o sentimento de pertencimento das pessoas no ambiente escolar por meio do diálogo.

Destaco uma provocação interessante sobre a diferença entre ser um docente nômade ou um docente sedentário. Apesar de ambos enfrentarem o que autor chama de caos e erupções da escola, o professor sedentário cria sua prática pedagógica calcada em uma imagem de pensamento dogmático, já o professor nômade, por sua vez, conduz suas práticas pedagógicas sem armaduras, sem um ambiente repleto de clichês preexistentes, preestabelecidos e preconceituosos, reconhecendo e valorizando espaços de expressão e de singularidade de maneira criativa.

A leitura do livro traz reflexões sobre identidade e diferença atrela-

dos a um referencial teórico denso e com relatos de experiência. Outros-sim, apresenta problemáticas às práticas pedagógicas e para a percepção de como os conceitos de identidade, de diferença e de currículo cultural estão inseridos no nosso cotidiano escolar, sobretudo nas escolas públicas periféricas, visto que a cultura e os saberes periféricos são historicamente marginalizados e apagados pelo discurso hegemônico.

Adicionalmente, as discussões promovidas pelo autor demonstram consonância com as demandas contemporâneas da educação: a valorização das culturas, em especial as populares, numa perspectiva de descolonizar e anti hegemônica, que promove a equidade e a justiça social. Apesar da ênfase na educação física, podemos extrapolar as discussões e as perspectivas apresentadas na obra *A diferença na educação física escolar: a artistagem do currículo cultural*, para todas as áreas do conhecimento, atravessando o currículo e o projeto pedagógico das escolas. Afinal, são problematizadas questões de gênero, raça, classe social, geracional, de habilidade motora e modos de vida, dialogando com a multiplicidade identitária a partir de uma perspectiva de valorização, reconhecimento e ressignificação socio-histórica.

A proposta apresentada por Nunes (2023), de incorporarmos a ideia de professor nômade e implementar o de currículo cultural nas

escolas, democratiza a proposta pedagógica permitindo a participação ativa dos estudantes no processo e nos momentos de problematização, em uma perspectiva dialética. De maneira intrínseca ao processo, há a valorização do cotidiano dos estudantes e do território no qual estão inseridos, o que torna o processo de aprendizado significativo e o ambiente mais acolhedor.

NUNES, Hugo Cesar Bueno. **A diferença na educação física escolar:** a artistagem do currículo cultural. 1ª edição, Curitiba: Appris, 2023. 161p. ISBN 978-65-250-4255-8.